



Brújula
Volume 10 • Spring 2015

Enfoques

Internacionalização da Literatura Brasileira e o Caso de Milton Hatoum

Cecília Rodrigues
University of Massachusetts Amherst

O que acontece com a literatura brasileira, escrita numa língua considerada periférica¹, ao ser traduzida ao inglês? Que escritores brasileiros rompem a barreira linguística e como se efetua sua divulgação no estrangeiro? Trata-se de uma questão antiga e bem debatida que continua despertando interesse, especialmente por conta da atenção que o Brasil vem recebendo devido à consolidação da sua economia e posição diplomática no cenário internacional.

¹ De acordo com Heilbron (1999), a tradução constitui “a cultural world-system”, no qual a língua inglesa tem a posição hiper-central, já que 40% das traduções mundiais têm como fonte esse idioma; o português, por sua vez, se enquadra na categoria “línguas periféricas”, com traduções entre 1% e 3% do total mundial. Essa categorização, portanto, nada tem a ver com o número de falantes de uma língua, mas sim com a representatividade do idioma no panorama da tradução mundial.

Dessa maneira, o presente estudo, dividido em dois momentos, desenvolve o tema da recepção da literatura brasileira no estrangeiro, mais especificamente nos Estados Unidos. Primeiramente, será feita uma apreciação da crítica ao longo das décadas² e, posteriormente, será investigado o caso do escritor libanês-brasileiro Milton Hatoum. A escolha do escritor manauara não é aleatória, tendo em vista que o mesmo faz parte de um seleto grupo de romancistas que está sendo traduzido do português ao inglês quase com a mesma rapidez com que produz.³

Uma pesquisa sobre a recepção internacional da literatura brasileira e seu futuro revela tanto um tom pessimista como otimista. Encontram-se previsões de toda ordem: “The general condition of Brazilian literature is to be condemned to obscurity” (Armstrong 157) e ainda “The internationalization of Brazilian literature is dynamic and increasing” (Marting 328). No que todos os estudos parecem concordar é na constatação da baixa representatividade da literatura brasileira no estrangeiro. Também parece sempre haver uma busca das causas para tal situação.

O primeiro texto a ser analisado é o estudo pioneiro “A literatura brasileira nos EUA” de Roberto Reis, publicado na revista paulista *Escrita* em 1977. Reis relata sua experiência acadêmica nos Estados Unidos e avalia que a

² A partir dos anos 70, em especial, observam-se estudos sobre a repercussão da literatura brasileira nos Estados Unidos. Um dos primeiros estudos nessa área é o do crítico literário Roberto Reis.

³ João Gilberto Noll, Patrícia Melo e Chico Buarque seriam alguns dos outros nomes.

situação da literatura brasileira não é nada animadora. O conhecimento e os estudos desenvolvidos naquele momento são apenas panorâmicos e focalizam-se ou nos problemas sociais ou no exotismo. Segundo ele, a literatura contemporânea urbana é totalmente ignorada:

atraímos pelo 'exotismo' – Pelé, samba, carnaval, esquadrão da morte e macumba (que eles chamam de voodoo ou magia negra!) -, somos para o americano médio a *brasilian jungle*. Falamos espanhol, cobras venenosas atravessam a Avenida Rio Branco, Brasil: capital Buenos Aires, me indagaram se a maioria da população é constituída por pretos e – acredite quem quiser – perguntaram a um brasileiro se moramos em árvores (19).

Reis ainda menciona algumas estatísticas com relação a artigos sobre literatura brasileira publicados naquela década e termina seu estudo entrevistando alguns professores de universidades estadunidenses. Todos parecem estar de acordo que o desconhecimento da língua é um fator-chave para a falta de interesse pela literatura brasileira. Vários concordam que isso se deve a questões econômicas e políticas. Nas décadas de 50 e 60 muita verba teria sido liberada para o estudo de línguas negligenciadas e o português se enquadrava nesse perfil, mas na década de 70 o dinheiro já não existia. Além disso, a falta de

uma colônia brasileira poderosa em termos de representatividade (com exceção de Rhode Island e Massachusetts) também é mencionada.

Uma das professoras, Nancy Baden, admite que a tradução da literatura regionalista seja uma faca de dois gumes: por um lado, pode fornecer ao leitor sério uma visão aprofundada da literatura e cultura; por outro, pode simplesmente fazer com que o leitor desinformado concentre-se nos elementos pitorescos do texto, transmitidos e divulgados ao público geral através do *mass media* (Reis 20). Um dos testemunhos mais interessantes é o da professora e tradutora Elizabeth Lowe. Ela alerta para a reprodução de um círculo vicioso: as pessoas não leem literatura brasileira porque não sabem a língua; mas quando um escritor brasileiro é finalmente traduzido, como sua língua e culturas são desconhecidas, ele não vende. O que é preciso, segundo Lowe, é a promoção do governo brasileiro e de um agente poderoso. Quanto à ausência de nomes brasileiros no *Boom*, Lowe atribui o fato a uma política de exclusão praticada pelos próprios escritores latino-americanos, sempre com desculpas sobre a falta de comunicação linguística, mas sem um real interesse de aproximação.

Dentre os estudos mais atuais sobre o tema, dois artigos merecem destaque: o artigo de Earl Fitz de 2002 intitulado “Internationalizing the Literature of the Portuguese-Speaking World” e o de Diane Marting de 2004 “Internationalizing Brazilian Literature”. Marting, de maneira otimista, afirma que a internacionalização da literatura brasileira está acontecendo devido à

globalização, à importância estratégica político-econômica do Brasil na atualidade e ao fato de que várias editoras são corporações multinacionais (327). Ela prossegue, então, com o estudo de cinco escritores cujas obras exemplificam essa internacionalização. Como exemplo, pode-se mencionar *The Space In-Between: Essays on Latin American Culture* de Silviano Santiago.⁴ Esse livro seria um bom exemplo de que a literatura brasileira vem derrubando barreiras, segundo Marting. Através de sua tradução, um público maior entrará em contato com o pensamento de Santiago, teórico referência na América Latina.

O artigo de Fitz dialoga com o de Marting no que diz respeito à interpretação otimista da situação atual. Fitz afirma que há sinais de que a literatura brasileira está a ponto de ganhar reconhecimento internacional, embora esses sinais não sejam enumerados claramente no artigo. A globalização parece ser a razão que explicaria esse momento propício às letras não só brasileiras, mas escritas em português. O crítico afirma que para as literaturas hegemônicas a globalização pode ser vista como uma ameaça, mas para as literaturas consideradas marginais, esse momento histórico pode representar a oportunidade tão esperada de conquistar um mercado mais abrangente. Segundo ele, a grande tarefa a ser desenvolvida pelos estudiosos da área é exatamente a de contribuir para que isso aconteça. O artigo pode ser interpretado como uma convocação à reformulação dos estudos de literatura em língua

⁴ Sendo o original de 1978 e a tradução - de Tom Burns, Ana Lúcia Gazzola e Wander Melo Miranda - de 2001.

portuguesa no estrangeiro. Uma espécie de remapeamento é sugerida com a inserção e a promoção de escritores de fala portuguesa em cinco instâncias: 1. Método holístico, estudo da literatura brasileira com a hispânica; 2. Estudos interamericanos, incluindo todas as Américas; 3. Literatura portuguesa em relação à literatura europeia ou à espanhola especificamente; 4. Literatura africana; 5. Literatura mundial.

O artigo, no afã de caracterizar o momento propício ao desenvolvimento da literatura de expressão portuguesa, revela certos lapsos argumentativos. Em uma passagem, Fitz afirma que como vivemos num mundo globalizado, de interconexão entre línguas e culturas, é chegado o momento para a reescritura da literatura latino-americana e uma visão orgânica deve ser aplicada. Um dos exemplos que usa o crítico para confirmar o momento histórico favorável é o crescente consumo de música brasileira internacionalmente. Ora, a música brasileira é conhecida dos mercados internacionais desde os tempos da bossa-nova e esse fato não abriu as portas à literatura brasileira. Uma área não se correlaciona com a outra em termos de sucesso ou reconhecimento internacional.

Em outra ocasião, o crítico utiliza uma citação de Darcy Ribeiro como comprovação do protagonismo que o Brasil adquire na atualidade:

Brazil is already the largest of neo-Latin nations in population, size and it is beginning to be so in artistic and cultural creativity also. . . .

We are building ourselves in the struggle to flourish tomorrow as a

new civilization, of mixed blood and tropical, proud of itself -
happier because it is more enduring; better for incorporating within
itself more humanities; and more generous for being open to all
races and all cultures and because it is located in the most beautiful
and luminous province of the earth (qtd. in Fitz 322).

A citação é problemática porque bate na mesma tecla do exotismo, da beleza natural brasileira e da paz racial. Mais problemático ainda é seu uso num artigo que justamente convoca à quebra de estereótipos e de remapeamento de literaturas. O que transparece é uma dificuldade de sustentar um argumento pró-divulgação da literatura brasileira sem cair na falácia do exotismo ou de uma superioridade tropical. Entretanto, vale ressaltar que, apesar dessas debilidades, o artigo cita inúmeros caminhos que têm potencial palpável.

É importante mencionar, ainda, o livro *Third World Literary Cultures: Brazilian Culture and Its International Reception* (1999) de Piers Armstrong pelo acerto que faz sobre a literatura e as ciências sociais, além de estudar separadamente a recepção internacional dos escritores brasileiros Guimarães Rosa, Machado de Assis, Mário de Andrade, Drummond, Gilberto Freyre e Jorge Amado. Armstrong argumenta que a única maneira de se entender a recepção da literatura brasileira no estrangeiro é a partir de duas realidades: o cânone literário estabelecido pela crítica e a imagem extra-literária do Brasil desenvolvida intelectualmente pelas ciências sociais e popularmente através de

uma perspectiva que pode ser chamada de “sabedoria popular” ou “turismo internacional (tradução minha) (11).

Basicamente a principal explicação usada por Armstrong é a de que os estudos sociais sobre o Brasil, desde uma perspectiva endógena ou exógena, enfatizam as ideias de nação livre de tensões raciais, sabedoria folclórica, exotismo através de estudos sobre o carnaval, futebol, samba, etc. A literatura, contrariamente, não se conformou com essas noções simplistas da identidade nacional. Dessa forma, segundo o crítico, os estudos sociais saciariam o apetite internacional pelo que se entende como brasileiro, enquanto que a literatura não.

Assim, a pouca literatura brasileira que é lida internacionalmente estaria sempre atrelada aos temas da identidade nacional ou regionalismo. Nesse ponto seu livro dialoga com um dos professores entrevistados por Reis em 1977.

Ambos expressam a preocupação com a interpretação da literatura regionalista. Armstrong cita o caso de Jorge Amado que é estudado mais a partir do ponto de vista sociológico do que literário. Sua literatura se encaixaria no imaginário estrangeiro com relação ao Brasil. Contrariamente, escritores como Machado de Assis, com sua ambiguidade, divergiram temática e ideologicamente do que Armstrong chama de “mitologização internacional do Brasil” ou “síndrome da Carmen Miranda” (tradução minha) (17) e, conseqüentemente, não seriam lidos.

A comparação entre ciências sociais e literatura bem como o impacto que ambas causam no entendimento da literatura e cultura brasileiras no estrangeiro

oferecem uma perspectiva interessante, já que apresentam uma possível origem para os estereótipos sobre o Brasil. Contudo, não se deve culpabilizar as ciências sociais como o único vilão da história. Fatores como desconhecimento da língua, questões político-financeiras evidenciadas por outros estudiosos também devem ser levados em consideração. Além do que, não se pode esquecer a contribuição de grandes sociólogos como Gilberto Freyre, cuja obra está sendo revisitada atualmente justamente pela riqueza que encerra e pelo caráter ideológico de julgamentos de valor do passado.

Outro argumento do livro de Armstrong que merece ser repensado é a proposta desenvolvida no primeiro capítulo. Nele, o crítico afirma que “Brazilian writers are much more difficult to unite in terms of a common project than most Spanish American writers, a situation which ultimately gives them less purchase on the international market” (16). Então, os escritores brasileiros venderiam menos porque não seriam tão fáceis de categorizar como os escritores hispanos? A polêmica de tal argumento estaria num possível menosprezo à riqueza da literatura latina escrita em espanhol com o objetivo de explicar o caso brasileiro.

Além de estudos acadêmicos sobre a representação da literatura brasileira no estrangeiro, observam-se também iniciativas de institutos privados como o Itaú Cultural⁵, que idealizou o projeto “Conexões” com o intuito de mapear as letras brasileiras fora do país. A iniciativa busca identificar pesquisadores,

⁵ O “Itaú Cultural” foi criado em 1987 para o incentivo da pesquisa e divulgação da cultura brasileira.

tradutores, centros, institutos de pesquisa e editoras que se dedicam a estudar e publicar literatura brasileira. O projeto já realizou dois encontros com tradutores e pesquisadores de todo o mundo para estimular a troca de ideias e promover a interação entre estudiosos. O coordenador do “Conexões”, Claudiney Ferreira, afirma que no estrangeiro ainda se tem uma ideia de um Brasil rural, mas que essa visão está diminuindo. Cada vez mais se estudam escritores com um foco urbano como Chico Buarque, Milton Hatoum, Rubem Fonseca, Moacyr Scliar, João Gilberto Noll, que estão entre os mais pesquisados internacionalmente.

No segundo encontro promovido pelo “Conexões” em 2009, o escritor Milton Hatoum afirmou que a América Latina ignora a literatura brasileira e que a ligação entre os países que falam espanhol e o Brasil parece ser pontuada por iniciativas isoladas. É interessante notar o quão consoante seu comentário é com o da professora Elizabeth Lowe, entrevistada por Roberto Reis nos anos 70. A distância entre o Brasil e o resto da América Latina parece permanecer apesar dos esforços de enquadrá-los num todo orgânico. Nesse ponto, o questionamento reside no conceito de “todo orgânico”. É possível estudar tradições singulares e línguas diferentes com esse foco ou se trataria de uma análise artificial? Ainda na conferência, uma opinião prática foi a da agente literária espanhola Carmen Corral, que disse surpreender-se com a falta de informação sobre o mercado editorial brasileiro. Ela afirma sempre receber pacotes com resumos traduzidos de obras de várias partes do mundo, mas nunca do Brasil. E quando encontra

editores brasileiros em feiras, esses estão sempre buscando literatura estrangeira e nunca representando autores brasileiros. Outro participante da conferência, o escritor Luis Ruffato, acrescenta que falta uma política institucional voltada à promoção da literatura brasileira. Como exemplo ele cita o apoio financeiro que teria do governo brasileiro para participar de uma feira internacional, mas que nunca se materializou.

O professor Roberto Vecchi da Universidade de Bolonha, por sua vez, reforça o coro de vozes que vê no exotismo um empecilho para um melhor entendimento da cultura brasileira. Ele argumentou que, invariavelmente, o leitor estrangeiro busca uma imagem pré-concebida do Brasil nos romances e cita o exemplo da tradução ao italiano do romance de temática urbana *Eles eram muitos cavalos* (2001) de Luiz Ruffato, cuja capa apresenta um menino negro chutando uma bola. Vários estudiosos ainda citam o protagonismo do Brasil no panorama mundial como propício à divulgação das letras brasileiras, dialogando, assim, com o artigo de Earl Fitz. Ainda durante a conferência “Conexões”, Hatoum sugeriu a criação do Instituto Machado de Assis através de políticas de incentivo do governo. Outros estudiosos, contudo, mostram certa resistência a incentivos dessa natureza porque afirmam que esses institutos tendem a reproduzir moldes internacionais que não se aplicam nacionalmente.

Polêmicas e divergências à parte, todos os estudos – fora ou dentro do âmbito acadêmico – buscam explicações para as peculiaridades do caso brasileiro

e fazem previsões para o futuro das letras brasileiras no estrangeiro. Um caso interessante e ainda pouco estudado devido à sua contemporaneidade é o do escritor descendente de libaneses Milton Hatoum, nascido em Manaus em 1952. O escritor, arquiteto por formação, residiu na Europa (Espanha e França), lecionou literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas, e mudou-se permanentemente para São Paulo a partir de 1998, ano do término do seu doutorado em Teoria Literária. Hatoum publica seu romance de estréia, *Relato de um Certo Oriente*, em 1989. Após um intervalo de onze anos, *Dois Irmãos* é lançado. Em 2005 é a vez de *Cinzas do Norte*, seguido por *Órfãos do Eldorado* que surge em 2008. Seu mais recente livro é a coletânea de contos *A Cidade Ilhada*, de 2010. Hatoum é considerado pelos críticos brasileiros uma das grandes vozes da literatura brasileira contemporânea. Trata-se de um escritor em plena atividade que conquistou o respeito do público e da crítica relativamente em pouco tempo. Seus três primeiros romances ganharam o respeitado Prêmio Jabuti de melhor romance, tendo *Cinzas do Norte* também recebido o Prêmio Portugal Telecom de Literatura.

No âmbito internacional, também se pode afirmar que o escritor manauara faz parte de um seleto grupo de escritores brasileiros, tendo em vista que já foi traduzido às principais línguas ocidentais e em 2003 teve seu romance *Dois Irmãos* traduzido ao árabe. Os leitores em língua inglesa já encontram disponíveis as traduções de todos os seus romances, com exceção da coletânea de

contos. Vale à pena mencionar o fato de que *Relato de um Certo Oriente* possui uma tradução, *The Tree of the Seventh Heaven* (1994) de Ellen Watson e uma revisão da mesma por John Gledson, *Tale of a Certain Orient* (2004). A revisão talvez se justifique por conta do público alvo, haja vista que o romance é publicado primeiramente pela editora Atheneum de Nova York e posteriormente pela Bloosmbury de Londres. As traduções ao inglês variam entre editoras britânicas como a já citada Bloosmbury ou Canongate de Edinburgo, Escócia e editoras americanas como Farrar, Straus Giroux, que publicou *Two Brothers*, e Atheneum. Um parêntese importante é o fato da co-fundadora da editora Bloosmbury, Liz Calder (que na década de 60 viveu no Brasil), ser uma grande entusiasta da literatura brasileira, sendo também co-fundadora da Feira Literária Internacional de Paraty – festejado encontro literário no estado do Rio de Janeiro. Outra curiosidade é que o livro *Órfãos do Eldorado* foi encomendado pela Editora Canongate como parte integrante da coleção *Myths*, na qual escritores renomados revisitam importantes mitos da tradição ocidental.

Sobre a recepção da sua obra, Hatoum, em vídeos do sítio *web* “Itaú Conexões Culturais”, fala da dificuldade de se ter conhecimento de quem o lê no estrangeiro, especialmente agora que seus livros estão alcançando públicos cada vez mais distantes como a China, onde *Órfãos do Eldorado* será lançado. Em sua opinião, há três tipos de leitores: o universitário que estuda literatura brasileira, o leitor de literatura latino-americana e o leitor que acompanha as resenhas dos

jornais. Ele reconhece a dificuldade em ser traduzido e resenhado, especialmente pelos grandes periódicos. Quanto à sua divulgação em jornais da Europa e Estados Unidos, Hatoum se diz afortunado com as boas resenhas publicadas no *The Guardian* e *The New York Times*. As edições de bolso que saíram na Alemanha e Inglaterra também são mencionadas como um aspecto que ajuda na acessibilidade do seu trabalho. O escritor reflete, ainda, que talvez ajude o fato de escrever histórias que têm como pano de fundo a Amazônia. E confessa, em tom irônico, que precisa escrever um livro que não se passe na Amazônia para confirmar sua boa recepção.

A resenha de uma página que recebeu da escritora inglesa A. S. Byatt no *The Guardian* (1 de junho de 2002) sobre *Dois Irmãos* trouxe respaldo crítico, além da posterior atenção de outros jornais internacionais. Os três primeiros parágrafos da resenha, intitulada “Down a River of Stories”, descrevem a cidade de Manaus enfatizando o espaço físico e humanizado, com sua confluência de rios e culturas. Antes de apresentar Hatoum num breve parágrafo, a escritora menciona sua experiência pessoal na cidade e revela que, longe da ideia de inferno verde, Manaus representou “a kind of paradisal balm, an air full of unpolluted scents, a peculiar newness”. Posteriormente, a escritora cita o primeiro romance de Hatoum e afirma que o título na tradução americana, *The Tree of the Seventh Heaven*, enfatiza o exotismo que o próprio escritor condena. Não há sombra de dúvida que entre os críticos há um desconforto com relação a

visões estereotipadas da identidade brasileira, embora eles próprios, por vezes, não consigam se desvencilhar de tal ideia. O vocabulário utilizado para descrever Manaus com as expressões “paradisal balm” e “peculiar newness” não se distanciam tanto assim de um quê exótico.

Ainda sobre a ideia de representação do exótico, Byatt confessa que: “In *The Brothers*, he [Hatoum] has quite deliberately tried to avoid representing the idiosyncrasies of ‘exotic’ Manaus that were such a delight in *Relato de um Certo Oriente*”. Nesse momento da resenha, a palavra exótico, ao ser associada ao vocábulo deleite, é transportada a um âmbito positivo. Assim, o estranho e não familiar no romance é um elemento da apreciação da leitura. A resenha finaliza com a inclusão de Hatoum na categoria “world literature”: “One way to write world literature is to use the energy of the repeated stories of all cultures”. A resenha de Byatt mostra o esforço da escritora de apresentar e associar Hatoum a uma tradição de literatura mundial que lida com temas universais. Assim, a história dos irmãos gêmeos é considerada humana e tecida por um escritor de qualidade. É interessante observar que a quantidade de parágrafos dedicados à Amazônia é a mesma sobre o romance em si. Embora seja recorrente a afirmação de que o exótico deva ser desconsiderado para uma interpretação mais aprofundada da literatura brasileira no estrangeiro, a leitura de resenhas e artigos acadêmicos revela que essa característica atrai até mesmo os que a condenam. Caso contrário, por que um crítico iniciaria uma resenha literária

descrevendo a Amazônia se o romance em questão não tem como foco o espaço físico? O intuito parece ser o de chamar a atenção do público estrangeiro através de algo que já pertença ao seu imaginário relativo ao Brasil e, a partir desse reconhecimento, desenvolver o aspecto literário.

Já a resenha do *The New York Times* “Amazon books, but not what you think” (24 de setembro de 2007) aborda o tema da insularidade dos escritores da região e analisa os casos de Márcio Souza e Milton Hatoum. Ambos mencionam Dalcídio Jurandir como exemplo de escritor de grande valor literário, mas desconhecido e menosprezado pelos próprios intelectuais brasileiros. Embora a imagem de região selvagem e povoada por comunidades tribais persista tanto nacionalmente como no estrangeiro, escritores como Hatoum começam a mostrar o lado urbanizado da Amazônia. A resenha, portanto, não comenta nenhuma obra em particular, mas sim discorre sobre o *status* periférico dos escritores amazônicos, bem como sobre as visões do Outro que a região tem suscitado desde os tempos coloniais.

Sobre a questão do exótico, se evidencia o receio que Hatoum tem de tal associação: “I don’t know why a palm tree is considered exotic and snow is not, because to me snow is very exotic. . . And there is a reason why 80 percent of the people in the Amazon live in cities. I’m aware of the romantic idea of returning to nature, but the Amazon is not idyllic. Living in the forest is difficult, awful even” (*The New York Times* 1). Dessa maneira, todas as interpretações do que se

entende por exótico revelam as complexidades da interação Eu - Outro: enquanto que para Byatt Manaus é vista como um “paradisaal balm”, para Hatoum a cidade representa algo contrário. Entretanto, não se pode afirmar que uma visão é relevante e a outra é descartável; as duas declarações conferem. Desse modo, no âmbito acadêmico, ao invés de se preocupar com interpretações equivocadas sobre literaturas e culturas estrangeiras, se lograria mais se se analisasse como e por que tais interpretações ocorrem. Não é dispensando-as ou taxando-as de errôneas que se entenderá o fenômeno da recepção internacional da literatura brasileira.

Adicionalmente, Hatoum faz uma declaração a respeito da questão racial brasileira afirmando que:

The dilution of one's origins is one of the good things about Brazil. . . . Ours is a mestizo society whose richness comes from the fusion and dialogue of different cultures. My wife is of Italian descent, and as a teenager, I was the singer in a pop band whose guitarist was a Sephardic Jew. So I don't think of myself as Lebanese-Brazilian, but just Brazilian (*The New York Times* 2).

A passagem acima não deixa de ser polêmica, pois, concomitantemente, expõe e mascara a questão racial brasileira. Expõe porque nela Hatoum relata a experiência racial brasileira, que é sua e de todos os brasileiros. De fato, há uma

diluição, muitas pessoas nem sequer conhecem sua ancestralidade.

Paralelamente, a afirmação mascara porque, para um desconhecedor da cultura brasileira, ela descreve uma democracia racial onde todos parecem ser iguais e conviver sem atrito. Desse modo, essa situação não se apresenta desprovida de complexidades e complicações. Há uma fusão entre raças, mas ela vem agregada a problemas de preconceito, racismo e hierarquia. Um aspecto não anula a vigência do outro. Tudo ocorre junto, misturado num enredamento de raças, poderes, generalizações e especificidades. Os níveis de entendimento desse aspecto da realidade brasileira variam desde pessoas que a constatarem *in loco*, passando por estudiosos e por pessoas que ocasionalmente leem literatura brasileira, a pessoas que escutam falar sobre o Brasil através da mídia. Daí a disparidade – e/ou riqueza – de interpretações passando por (re) avaliações do que se entende por exótico.

Portanto, ao mesmo tempo em que é evidente o esforço de Hatoum para não ser associado ao exotismo, o tema amazônico e da miscigenação podem conduzir o leitor estrangeiro a essa interpretação. É difícil precisar o quanto a opinião do autor, conhecido por debater os temas de seus romances em entrevistas e encontros literários, influencia a crítica, mas é fato que a maioria dos estudos que menciona a questão do exótico enfatiza seu caráter não-existente na literatura hatoumiana: “Hatoum evita descripciones detalladas de ambos lugares y jamás exotiza” (Bletz 197). O mais ousado dos estudos a considerar o tema em

Hatoum é um artigo de José Leonardo Tonus.⁶ Nele, o estudioso desaprova o fato de que, depois da teoria pós-colonial, falar em exótico se converteu em tabu. Hatoum, em sua opinião, teria uma posição ambígua com relação ao conceito, contudo, tal posição seria positiva: “Ao associar o exótico à questão da alteridade, Milton Hatoum confere a esta noção uma nova dimensão, transformando-a num elemento fulcral dos processos de negociação identitária elaborados a partir do lugar-comum dos estereótipos culturais” (147). Dessa maneira, o exótico, visto com olhos de reprovação pela crítica atual – e até mesmo pelo próprio escritor –, seria resignificado pela prosa hatoumiana. A visão de Tonus traz um olhar renovado à questão e merece ser mencionada pelo debate que sugere. A prosa de Hatoum, portanto, seria exótica no que concerne à utilização do espaço e à mescla das culturas árabe e brasileira, contudo trata-se de um exótico resignificado, haja vista que os temas são desenvolvidos desde uma perspectiva endógena, na qual o espaço é subjetivado e as trocas identitárias são permeadas de singularidade.

Dando continuidade às representações da obra de Milton Hatoum no estrangeiro e dialogando com as resenhas de jornais, é de grande importância avaliar os textos de apresentação das editoras. O quadro abaixo revela como a obra de Hatoum é introduzida internacionalmente:

⁶ Tonus, José Leonardo. “O Efeito-Exótico em Milton Hatoum.” *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* 26 (2005): 137-148.

Tradução	Resenha Editorial	Descrição
<i>The Tree of the Seventh Heaven</i>	<i>Publishers Weekly</i>	“lushly lyrical, rich saga” “exotic novel, musically translated from the Portuguese”.
<i>Tale of a Certain Orient</i>	Descrição do produto Amazon.com	“Flowing like the Amazon through East and West, city and jungle, life and death, <i>Tale of A Certain Orient</i> has all the magnetism and lush beauty of its Brazilian setting”.
<i>The Brothers</i>	Da Editora	“Vivid, exotic, and lushly atmospheric, <i>The Brothers</i> is the story of a family's disintegration”
<i>Ashes of the Amazon</i>	Descrição do produto Amazon.com	“ <i>Ashes of the Amazon</i> is the story of a long rebellion and the struggle to understand it”.
<i>Orphans of the Eldorado</i>	Descrição do produto Amazon.com	“[it] beautifully captures the atmosphere of the steamy, lush Amazonian world”.

Todas as resenhas editoriais avaliadas (de maneira não exaustiva) foram retiradas do sítio *web amazon.com* e fazem parte da descrição do produto e/ou de publicações especializadas como *Publishers Weekly*. Das cinco descrições avaliadas, quatro contém a palavra “lush”, duas enfatizam o mundo amazônico (com palavras do tipo “beauty”, “magnetism”, “vivid”, “steamy”), duas focalizam-se na trama e uma resenha menciona a tradução.

Por mais que Hatoum explicita sua aversão ao rótulo ‘exótico’ por representar um entendimento superficial e/ou errôneo da sua obra, contrariamente, o que as resenhas editoriais mostram é o uso de tal representação como estratégia de *marketing*. Sobre as estratégias de mercado, Daphne Patai, em “Machado in English”, alerta para sua importância: “There is no point . . . in denying that targeting a particular constituency of readers is an important marketing strategy” (88). Embora tais estratégias mercadológicas pareçam irresistíveis e certos lançamentos se apresentem como êxito comprovado, nem sempre as editoras são bem sucedidas. Aí entra em cena o leitor e o grau de imprevisibilidade de cada caso particular. Além do que, muitas e outras circunstâncias influenciam no sucesso de um livro: a língua do original, a tradução, a editora, os “padrinhos” no estrangeiro são todos aspectos que delineiam a trajetória de uma obra internacionalmente.

As circunstâncias para o êxito de um escritor no estrangeiro podem ser de caráter político e/ou governamental, como incentivos financeiros e culturais, bem como podem se referir àquilo que o mercado internacional busca num dado momento histórico, o que está em voga, certos temas e aspectos culturais. Exemplificando com o caso de Milton Hatoum, por que um escritor com uma carreira em pleno desenvolvimento já vê todos os seus romances traduzidos até o presente? Podem-se tecer algumas considerações: primeiramente, por ser um escritor em plena atividade, “there is the excitement of watching their work

unfold” (Patai 87), assim o que pareceria repentino pode ser interpretado como entusiasmo das editoras e do público em geral; Hatoum também tem tido alguns “padrinhos” no estrangeiro como A. S. Byatt e Liz Calder que auxiliam na sua divulgação; outra possível explicação residiria no fato de sua obra explicitar um diálogo entre o Ocidente e o Oriente – tema cuja atualidade é evidente – além de escrever sobre o grupo étnico libanês, pouco associado à literatura brasileira, fato que torna sua prosa atraente num mundo cada vez mais obcecado por questões identitárias.

Adicionalmente, e de certa maneira, a narrativa de Hatoum satisfaz o leitor estrangeiro que busca o Brasil da sua imaginação. Há, de fato, ingredientes que podem ser considerados exóticos como a Amazônia selvagem, a miscigenação e as lendas indígenas. E como já se comprovou através do estudo da descrição dos romances, o *marketing* do seu trabalho nos Estados Unidos focaliza essas características. Contudo, seus romances alcançam maior fôlego e reorientam esse imaginário tanto em nível de conteúdo como linguístico. No que concerne à linguagem, Hatoum é conhecido por criar uma prosa com fortes imagens poéticas e evocações sensoriais. Através da linguagem, ele recria sons, aromas e sensações táteis do universo árabe-amazônico.

Com relação ao conteúdo, há a fusão e diluição de línguas e culturas como o próprio escritor expressa em passagem supracitada. Dessa maneira, Hatoum dialoga com o estudo seminal de Silviano Santiago “O Entre-Lugar do discurso

latino-americano” (1978) no qual o estudioso afirma que a contribuição da América Latina para a cultura ocidental reside na destruição dos conceitos de pureza e de unidade (18). Assim, as características entendidas como exóticas são, na verdade e também, parte de um imbricado tecido textual que deixa transparecer tanto a individualidade das personagens como o pano de fundo histórico-social de uma região periférica e sua peculiar modernização. Hatoum realiza o que Santiago descreve como papel do escritor latino-americano: “é preciso liberar a imagem de uma América Latina sorridente e feliz, o carnaval e a *fiesta*, colônia de férias para turismo cultural” (28). Desse modo, a narrativa de Hatoum se focaliza nas peculiaridades da condição humana ao mesmo tempo em que redimensiona a percepção da região amazônica.

Em modo de conclusão, a visão panorâmica da crítica a respeito da recepção da literatura brasileira no estrangeiro – especificamente em língua inglesa – indica avanços no que concerne à prontidão com que alguns escritores têm sido traduzidos, à criação de institutos privados para o mapeamento das letras brasileiras fora do país e ao crescimento de estudos e pesquisas sobre o tema. Constata-se, ainda, a permanência de desafios do passado, como o receio da crítica e dos escritores de serem entendidos a partir de estereótipos sobre a cultura brasileira. De fato, o momento histórico – no qual o Brasil desponta como crescente potência mundial – é propício à maior circulação da cultura brasileira, especificamente da sua literatura em tradução. O caso do escritor Milton Hatoum

revela que a força da prosa brasileira reside também no que, aparentemente, é o seu ponto débil. Se o país é conhecido no estrangeiro por certos aspectos cristalizados como estereótipos, ao invés de criticá-los, por que não redimensioná-los para revelar esse 'outro' Brasil? Assim, Hatoum oferece a reconfiguração do polêmico exotismo como proposta condizente com a atual reavaliação do país no cenário internacional.

Obras citadas

- Armstrong, Piers. *Third World Literary Fortunes: Brazilian Culture and its International Reception*. Cranbury, NJ: Associated UP, 1999. Print.
- "Ashes of the Amazon. Product Description." Web. 9 Feb. 2011.
- Byatt, AS. "Down a River of Stories". *The Guardian*. 1 Jun. 2002. Web. 9 Feb. 2011.
- Fitz, Earl. "Internationalizing the Literature of the Portuguese-Speaking World." *Hispania*. 85.3 (2002): 439-448. Print.
- Heilbron, J. "Towards a Sociology of Translation: Book Translation As a Cultural World-System." *European Journal of Social Theory* 2.4 (1999): 429-444. Print.
- Hatoum, Milton. *Relato de um Certo Oriente*. São Paulo: Cia de Bolso, 2008. Print.
- . *Dois Irmãos*. São Paulo: Cia das Letras, 2000. Print.
- . *Cinzas do Norte*. São Paulo: Cia das Letras, 2005. Print.
- . *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Cia das Letras, 2008. Print.
- . *Tale of a Certain Orient*. Trans. Ellen Watson and John Gledson. London: Bloomsbury, 2004. Print.
- . *The Tree of the Seventh Heaven*. Trans. Ellen Watson. New York: Atheneum, 1994. Print.
- Lowe, Elizabeth, and Earl Fitz. *Translation and the Rise of Inter-American Literature*. Gainesville, FL: Florida UP, 2007. Print.
- Marting, Diane E. "Internationalizing Brazilian Literature". *Latin American Research Review*. 39.3 (2004): 327-338. Print.

"*Orphans of the Eldorado*. Product Description." Web. 9 Feb. 2011.

Patai, Daphne. "Machado in English." *Machado de Assis: Reflections on a Brazilian Master Writer*. Ed. Richard Graham. Austin, TX: Texas UP, 1999. 85-116. Print.

Reis, Roberto. "A Literatura Brasileira nos Estados Unidos." *Escrita*. 20.2 (1977): 18-23. Web. 10 Feb. 2011.

Rohter, Larry. "Amazon Books, But Not What You Think". *The New York Times*. 24 Sept. 2007. Web. 9 Feb. 2011.

Santiago, Silviano. "O Entre-Lugar do Discurso Latino-Americano." *Uma Literatura nos Trópicos: Ensaio sobre Dependência Cultural*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. 11-28. Print.

"*Tale of a Certain Orient*. Product Description." Web. 9 Feb. 2011.

"*The Brothers*. From the Editor." Web. 9 Feb. 2011.

"*The Tree of the Seventh Heaven*. Editorial Review from Publishers Weekly." Web. 9 Feb. 2011.

Tonus, José Leonardo. "O Efeito-Exótico em Milton Hatoum." *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* 26 (2005): 137-148. Print.